

All For Reparations and Emancipation (AFRE)

Silis Muhammad, CEO

Workshop da ONU sobre Pessoas de Ascendência Africana na Região das Américas  
Chincha, Peru, 2 a 4 de Novembro de 2005

## **Uma Perspectiva Regional Sobre a Qualidade de Vida dos Afrodescendentes**

Trabalho Elaborado por All For Reparations and Emancipation (AFRE)

Apresentação:

Harriett AbuBakr, Esq. e Silis Muhammad

Autoria:

Ishmael Abdul-Salaam, Harriett AbuBakr, Esq., Amanda Furness, Ida Hakim-Lawrence,  
Silis Muhammad, Ajani Mukarram, Adib Siraj Nabawi, e Dr. Raymond Winbush

Tradutores:

Norma Casas, Versão Espanhola e Flávio Gonçalves, Versão Portuguesa

## Introdução

Durante séculos, os descendentes dos africanos escravizados nas Américas, aqui referidos pelo nome de afrodescendentes, têm sido sujeitos a numerosas formas de discriminação em países espalhados por toda a Diáspora Escravagista Transatlântica. Da Jamaica aos Estados Unidos, Cuba, Canadá, da Guiana à Guatemala, estes indivíduos partilham algo em comum... apesar dos seus pais poderem ser oriundos de uma tribo nos Camarões e as suas mães de uma tribo na Nigéria, tornando-os de facto em pessoas africanas, não podem ser comparados a nenhum outro povo de ascendência africana existente em todo o mundo uma vez que não podem utilizar a sua língua pátria para pedir auxílio a qualquer governo existente em África. Através de uma união procriativa forçada foram privados da sua língua pátria e, por consequência, é-lhes negada a utilização da mesma actualmente. Devido aos efeitos nefastos do escravagismo falam a língua dos donos dos escravos – seja esta inglês, espanhol, português ou um dialecto misto. Esta História comum é um factor determinante na qualidade de vida das comunidades afrodescendentes, abaixo do limiar da pobreza, com uma assistência médica desadequada e um acesso desigual às oportunidades, sofridas pelos afrodescendentes, nos Estados em que residem actualmente.

A discriminação contra os afrodescendentes tem-se manifestado historicamente em todas as nações de modos diferentes, e em graus variáveis. Mesmo assim, na maior parte dos casos, origina de uma noção euro-cêntrica de superioridade racial, cultural, económica e intelectual, e por receio de uma retaliação pelas indignidades sofridas durante o, e como resultado do, escravagismo. Aqueles que se identificam como “brancos” consideram-se geralmente num patamar social superior àquele que é permitido aos descendentes dos escravos, em parte como consequência da ascendência escravagista dos próprios afrodescendentes. Com antepassados que foram mutilados da sua língua pátria e das suas raízes culturais aquando do seu rapto, os afrodescendentes actualmente no Hemisfério Ocidental não podem – exceptuando casos muito raros – destacar uma pertença tribal, um local de origem ancestral, uma língua, direitos de propriedade ou de igualdade sobre uma terra nem podem beneficiar dos frutos do trabalho dos seus antepassados ou experienciar, realmente, a igualdade humana. Isto apesar de serem as pessoas escravizadas as responsáveis pela construção de muitas das infra-estruturas que existem actualmente nas suas respectivas nações, e por terem estabelecido o grosso da agricultura também existente. No Estado da Georgia (EUA), os impostos cobrados sobre cada escravo foram utilizados pela tesouraria estatal inicial.<sup>1</sup>

Em muitos Estados, formas semelhantes de exploração e de enriquecimento injusto foram – e continuam a ser – implementadas e utilizadas. Mesmo nas nações em que os afrodescendentes podem constituir uma maioria numérica, manifesta-se que possuem menos riqueza e menos poder político que aqueles de outras raças devido a tais práticas discriminatórias.

Em todos os níveis, os efeitos nefastos do escravagismo e da discriminação de base racial têm tido um efeito global profundamente negativo nos descendentes dos escravos africanos. Muitas nações desconhecem as dificuldades com que se depara este grupo, mesmo no interior das suas próprias fronteiras. Este trabalho procura disseminar a consciência no que diz respeito à multitude de questões com que se defrontam actualmente os afrodescendentes na região das

Américas, ao tentar focar vários factores no contexto deste trabalho, entre eles: o número de afrodescendentes existentes em vários países, exemplos da discriminação contra os afrodescendentes e as condições económicas e sociais que originam dessa discriminação.

Deve ser levado em conta que o estudo dos afrodescendentes, como grupo, se encontra meramente no seu estágio inicial, que é ainda difícil conseguir obter números populacionais e que este trabalho se encontra na sua forma inicial, e a ser completado na sua totalidade numa data posterior, na preparação para a sua apresentação ao Grupo de Trabalho Para as Minorias da O.N.U. em 2006. Alguns relatórios mencionados neste trabalho podem combinar e unir as populações de afrodescendentes e de imigrantes africanos numa só categoria. Outros podem não conter uma informação correcta por várias razões, entre elas a relutância por parte dos indivíduos em se identificarem como descendentes de escravos por causa da carga vergonhosa inerente a uma afirmação desse tipo. Este trabalho não tenta concretizar mais do que substanciar a existência colectiva dos afrodescendentes, como grupo, e em assentar as fundações para estudos futuros que digam respeito à sua qualidade de vida colectiva; as questões pertinentes à identificação serão tratadas numa pesquisa subsequente.

Espera-se que através dos esforços do Grupo de Trabalho Para as Minorias, e outras partes interessadas, seja oferecido às populações afrodescendentes por toda a Diáspora Escravagista um fórum no qual possam partilhar experiências semelhantes entre si e com a comunidade internacional. Um fórum deste tipo seria útil no estabelecimento de redes e de iniciativas eficazes que advoguem os problemas afrodescendentes numa escala regional e, posteriormente, numa escala global. O legado partilhado pelos membros deste grupo é um que só os afrodescendentes podem clamar como seu; é uma parte da História do mundo e uma experiência colectiva de abusos dos direitos humanos que merecem ser examinados e explorados pelos órgãos internacionais, no mínimo.

## **A Dispersão**

Estima-se que chegaram ao Novo Mundo 27.233 viagens comerciais de escravos no período de tempo consistido entre 1492 e 1820, cada novo desembarque trazia entre 281 a 332 escravos.<sup>2</sup> Estas estatísticas pecam ao não levar em conta os largos números de escravos que eram trocados entre várias nações africanas e que foram levados para a Europa, a Índia e para o Médio Oriente. A informação que diz respeito aos grupos afrodescendentes dessas regiões será compilada no decorrer de uma futura pesquisa.

Nas Américas, os africanos escravizados desembarcaram em numerosos portos por toda a região, e apesar de muitos terem sido mantidos em cativeiro em áreas próximas do ponto de desembarque, muitos foram levados para os interiores de várias nações, por barco ou por terra. A Base de Dados do Comércio de Escravos Transatlântico de Cambridge estima que existiam 482 portos de desembarque independentes na região das Américas; a lista de portos é por si mesma uma vislumbre preponderante sobre quão vasto e difundido era realmente este comércio.

Os dados mencionados anteriormente providenciam um quadro para a ilustração da dispersão

dos africanos em várias nações. Apesar de algumas estimativas serem muito mais altas, os académicos concordam que, no mínimo, foram escravizados entre 12 a 15 milhões de africanos, tendo estes sido dispersos naquilo que se tornou conhecido pela Diáspora Escravagista; foi durante o período da dispersão que muitos se viram transplantados à força para sociedades tão estrangeiras quanto hostis.

## **Vislumbre Histórico e Estatísticas Populacionais Actuais**

### América do Norte

Uma vez que não foi estabelecida qualquer categoria para afrodescendentes nos recenseamentos nos E.U.A. e no Canadá, não existe uma contagem populacional correcta. Os imigrantes africanos e os seus descendentes são encorajados a registar-se sob a categoria racial/étnica de afro-canadianos, afro-americanos ou de negros conjuntamente com afrodescendentes que também têm de escolher de entre essas categorias. Embora os académicos já se encontrem bem cientes que a perda da identidade nacional e os efeitos nefastos do escravagismo diferenciem os afrodescendentes dos imigrantes africanos e dos seus descendentes, a maior parte dos governos ainda não reconheceu esta distinção. Pode ser benéfico, futuramente, que os governos e as ONGs identifiquem as diferenças de qualidade de vida existentes entre os afrodescendentes e os imigrantes africanos e as suas crianças, com um olho atento que analise como a destruição da sua identidade original colocou especificamente em desvantagem os afrodescendentes.

Crê-se que os primeiros escravos africanos desembarcaram em Jamestown, Virginia (E.U.A.) em 1619<sup>3</sup>, apesar de alguns líderes negros contestarem essa data, esclarecendo que o primeiro barco com escravos chegou em 1555, pilotado por Sir John Hawkins. Até 1865, os africanos foram escravizados, torturados e viram negadas até as mais básicas liberdades humanas nos E.U.A.. Nesse ano, foi abolido o escravagismo, só para ser substituído pela leis da segregação que continuaram a negar a humanidade dos escravos libertos e dos seus descendentes. Estas leis foram estabelecidas através de mandato emitido pelo Estado até 1954, quando o Supremo Tribunal dos Estados Unidos ilegalizou a noção de ‘separados mas iguais’, pedindo a integração nos sistemas escolares públicos da nação. Apesar da deliberação do Tribunal, os afrodescendentes dos Estados Unidos foram – e são – sujeitos a um tratamento sub-humano por parte do seu próprio governo e pela sociedade que os rodeia. O investigadores do Instituto Tuskegee notam que entre os anos de 1882 e 1951, 3.437 afrodescendentes foram linchados.<sup>4</sup> Nos E.U.A., continuam os crimes de ódio contra os afrodescendentes, como foi ilustrado em 1991 com o espancamento de Rodney King pelos agentes da polícia de Los Angeles, o espancamento e arrastamento até à morte de James Byrd por supremacistas brancos no Texas em 1998 e o tiroteio que vitimou mortalmente Robert Spencer em 2001. Pai de oito crianças, Spencer foi assassinado à porta de uma loja de conveniência no Condado de Lake, na Florida, por um homem cujo objectivo assumido era “abater” o maior número de pessoas negras que pudesse.<sup>5</sup>

De acordo com o recenseamento de 2005 nos E.U.A., 38,4 milhões de pessoas nos Estados Unidos, ou 12,9% do total da população, identificou-se como sendo negra, afro-americana ou afrodescendente. Cinquenta por cento da actual população afrodescendente dos E.U.A. reside na

região sul da nação, na qual foram iniciadas as plantações de escravos e na qual esta se encontrava mais entranhada. Existem várias instâncias, nos Estados Unidos, de grupos de afrodescendentes que permaneceram nas terras trabalhadas pelos seus antepassados, entre eles os Gullahs da Carolina do Sul e as Ilhas Marítimas da Geórgia. Actualmente, grupos como os Gullahs lutam pela manutenção das suas terras, as quais os respectivos Estados continuam a tentar usurpar.

O Êxodo Negro para o Canadá ocorreu inicialmente em três fases; estima-se que mais de 35.000 se deslocaram para norte em busca de respeito. Fabbi nota que “a maior parte dos primeiros imigrantes negros chegaram por consequência de três eventos históricos americanos de relevo: a Revolução Americana (1775-1783), a Guerra de 1812 (1812-1814) e o movimento do Comboio Subterrâneo (1830-1865).”<sup>6</sup> Estas migrações para a liberdade a norte – combinados com as da imigração africana – resultaram na actual população canadiana de 662.200 africanos/afrodescendentes, que representam pouco mais de 2% do total da população do Canadá. Apesar do relevo histórico do papel do Canadá no Comboio Subterrâneo como um local seguro para escravos foragidos, actualmente muitos afrodescendentes do Canadá acham que se deparam com circunstâncias discriminatórias e que foram mantidos nos camadas exteriores da sociedade canadiana.

#### América Latina

Vinson vincula que entre 1521 e 1817, o México importou quase 200.000 africanos para serem utilizados como escravos. Estes negros foram obrigados a trabalhar em minas de prata, na indústria da lavoura e nas plantações de tabaco e de açúcar.<sup>8</sup> Com base em dados que originam do período colonial e que colocam a porcentagem da população africana do México algures entre os 10 e os 12 por cento da população total, os investigadores estimam que cerca de 9 milhões de mexicanos possuem uma quantidade relevante de sangue africano. Contudo, as esferas políticas, comerciais, sociais e culturais do país são dominadas pelos descendentes brancos dos conquistadores espanhóis, enquanto que os mestiços, os indígenas e os negros são normalmente relegados para desempenhar papéis secundários na sociedade.”<sup>9</sup> Os afrodescendentes, também referidos como afro-mestiços, residem maioritariamente na linha costeira do México. A maior parte das vilas de afrodescendentes localizam-se em regiões remotas, de acordo com o Projecto de Pesquisa da Diáspora Africana da Universidade Estatal de Michigan.

O Banco de Desenvolvimento Inter-Americano estima que cerca de 150 milhões dos 540 milhões da população da América Latina são pessoas de ascendência africana.<sup>10</sup> Foram importados para a área grandes números de escravos africanos durante o período da era colonial, tendo residido a maior porcentagem de escravizados no Brasil.

O Brasil é actualmente o lar da maior população afrodescendente das Américas. Quarenta e cinco por cento dos brasileiros identificam-se como negros, enquanto que na Colômbia os afrodescendentes constituem 26% da população total; a Argentina, a Guatemala, o Peru e o Uruguai possuem pequenas populações afrodescendentes que se encontram concentradas em áreas geográficas específicas. A Bolívia, o Equador e a Costa Rica, bem como outras nações, só há pouco começaram a incluir questões relacionadas com a raça nos seus recenseamentos, o que

significa que muitos afrodescendentes podem não ter sido contados. A ONG Grupo Internacional Para os Direitos das Minorias lamenta a falta de dados sobre afrodescendentes no seu relatório de 2004, culpando a falta de comunicação entre os grupos de afrodescendentes e os seus respectivos governos, com fins estatísticos, bem como ao facto de que os afrodescendentes só agora – nesta data tardia – estão a ser reconhecidos como um grupo populacional. Esta muito necessária pesquisa, afirma o GDM, pode ser utilizado para melhorar as circunstâncias e a vida dos afrodescendentes em todo o Hemisfério Ocidental.

Os descendentes dos africanos escravizados na América Central e do Sul vivem em áreas rurais e na linha costeira, embora muitos estejam a migrar para as grandes cidades à procura de emprego. Esta é uma grande empreitada para quase todos eles, um número desproporcional de afrodescendentes por toda a América Latina sofrem com a escassez de transportes, de infra-estruturas e de bens essenciais (água, gás e electricidade), e é-lhes negado regularmente o acesso aos cuidados de saúde, recebem uma educação desadequada, debatem-se com taxas de desemprego altas e recebem ordenados baixos que os colocam facilmente abaixo do limiar da pobreza. Em muitos países os afrodescendentes – também chamados de afro-equatorianos, afro-latinos, afro-colombianos, quilombos, garifunas, afro-peruanos e “seminoles” negros – constituem o mais baixo degrau da escada da qualidade de vida. O Banco de Desenvolvimento Inter-Americano efectuou uma sondagem aos afrodescendentes das Honduras, Peru, Uruguai e da Venezuela; os resultados do estudo manifestaram uma semelhança impressionante nas experiências dos membros deste grupo, apesar da divergência de nações.

## Caraíbas

No Haiti, na República Dominicana e em Cuba, os afrodescendentes são a população majoritária. O explorador Cristóvão Colombo deparou-se pela primeira vez com a ilha de Hispaniola em 1492. O governo colonial espanhol deu origem a que, entre 1492 e 1821, fossem levados, em grande número, escravos africanos para a ilha, que foi baptizada com vários nomes, entre eles Ayiti, Hispaniola, São Domingos e finalmente – depois da revolução nacional de 1821 – Haiti.

A ilha provou ser a mais lucrativa da região para os seus detentores colonialistas, mas para os africanos e para os seus descendentes o Haiti era um dos lugares mais brutais do Novo Mundo no que diz respeito ao comércio de escravos e o seu resultado. Investigadores da Biblioteca do Congresso afirmam que a sociedade moderna do Haiti – com a sua violência e conflitos, pobreza e rápido declínio da qualidade de vida – é uma consequência directa do historial escravagista desta nação.

“A mistura racial que eventualmente acabou por dividir o Haiti entre uma elite, maioritariamente mulata, e uma maioria negra empobrecida, iniciou-se com a concubinação das mulheres africanas por parte dos donos dos escravos. A população escravagista do Haiti totalizava pelo menos 500.000 membros, e possivelmente até 700.000, por volta de 1791. O sistema de manutenção de escravos em São Domingos era excepcionalmente cruel e abusivo, e muitos escravos (principalmente do sexo masculino) não sobreviveram tempo suficiente para se reproduzirem. Os conflitos de conotações raciais que têm vindo a marcar a História do Haiti tiveram também a sua origem na altura do escravagismo”, de acordo com um relatório de um

estudo efectuado pela Biblioteca do Congresso do país.<sup>11</sup>

Apesar de ter expulso os poderes coloniais franceses no decorrer da rebelião levada a cabo pelos ex-escravos e de se ter proclamado como a primeira república negra do Ocidente em 1804, o Haiti não foi capaz de se libertar do legado do escravagismo e da violência. O conflito entre negros e mulatos e os abusos sobre os direitos humanos são, na realidade, acontecimentos vulgares no Haiti actual, composto por uma população 95% afrodescendente.

A República Dominicana providencia-nos um ponto de vista diferente no que diz respeito aos afrodescendentes, realçando o que pode ser a realidade da vida para aqueles que optam por negar o seu passado escravagista devido à vergonha que lhe é inerentemente associada. Apesar da República Dominicana e do Haiti partilharem a ilha de Hispaniola – ocupando a R.D. dois terços da ilha – as duas nações são, culturalmente, muito diferentes, bem como economicamente. A R.D. mantém uma cultura de orientação espanhola, e devido às diferenças culturais recusou continuar sob a alçada do Haiti depois da Revolução do Haiti. A República Dominicana surge como uma nação separada do Haiti em 1844 depois de muitos anos de conflito, submeteu-se ao governo espanhol em 1861 e proclamou finalmente a independência do governo colonial em 1865.

Oitenta e quatro por cento dos dominicanos são de ascendência escravagista africana, embora 73% deles se identifiquem como ‘mulatos’.<sup>12</sup> Estas distinções permitem que os dominicanos se desloquem livremente na sociedade, enquanto que ao mesmo tempo lhes dão um sentimento de desenvolvimento e de superioridade sobre os Haitianos, que são até hoje vítimas de abusos e explorados como trabalhadores nas plantações de açúcar da República Dominicana. Ter optado pela assimilação na cultura Ocidental invés de optar pela seu legado africano provou ser uma escolha benéfica para esta nação, que agora afirma ser detentora de uma das economias em mais rápido crescimento do Hemisfério Ocidental.

Ada Ferrer, no seu livro *Insurgent Cuba: Race, Nation and Revolution, 1868-1898* (Cuba Insurgente: Raça, Nação e Revolução, 1868-1898), divulga que em 1846 36% da população cubana se encontrava escravizada. Ferrer afirma que mais de 595.000 escravos africanos chegaram à costa da ilha nos últimos cinquenta anos de comércio, o qual terminou em 1886. A maior parte desses escravos trabalhavam nas plantações de açúcar cubanas. Actualmente, estima-se que 62% da população de 11.346.670 cubanos são de ascendência africana.<sup>13</sup> Os afrodescendentes cubanos ainda se debatem com a discriminação, apesar da revolução de Castro, e das tentativas levadas a cabo pelo governo cubano para eliminar as práticas discriminatórias. Um grande número de afro-cubanos trocou Cuba pelos Estados Unidos com o passar dos anos à procura de um refúgio económico, como é realçado por Greenbaum no seu trabalho; esta divulga que, para a maior parte dos patriotas afro-cubanos, a visão da justiça social na nova república mantém-se uma ilusão.<sup>14</sup>

Nas Bermudas, na Jamaica, nas Bahamas, em Antígua e em muitas outras nações caribenhas, a História, as circunstâncias e a qualidade de vida dos afrodescendentes são semelhantes, se não verdadeiramente idênticas. O volume de estudos académicos efectuados nesta área confirmam esta afirmação.

## Porcentagem de Afrodescendentes

Brasil	45% ou 83,750,757
Estados Unidos	13% ou 38,445,437
Colômbia	26% ou 11,168,112
Haiti	95% ou 7,715,540
Rep. Dom.	84% ou 7,518,028
Cuba	62% ou 7,034,935
Jamaica	98% ou 2,677,195
Venezuela	10% ou 2,537,528
Panamá	77% ou 2,332,445
Peru	5% ou 1,396,281
Equador	10% ou 1,336,359
Honduras	7.7% ou 1,128,449
Canadá	2% ou 662,200
Bolívia	4% ou 354,814
Guiana	45% ou 344,377
Porto Rico	8% ou 313,330
Bahamas	85% ou 256,521
Suriname	41% ou 179,639
Uruguai	4% ou 136,636
Guiana Francesa	66% ou 129,033
Belize	31% ou 86,631
Costa Rica	2% ou 80,323
Nicarágua	13% ou 71,046
Guatemala	Não existem dados
El Salvador	Não existem dados
México	Não existem dados
Paraguai	Não existem dados
Chile	Não existem dados
Argentina	Não existem dados <sup>15</sup>

Total: 169,655,616

Utilizando a estimativa de 150 milhões de afrodescendentes existentes na América Latina do Banco de Desenvolvimento Americano, o total aproxima-se de 190 milhões. É evidente que devem ser efectuados mais estudos e mais pesquisas para se conseguir determinar um número populacional mais correcto no que diz respeito aos afrodescendentes.

## Dependência Económica e Pobreza

Talvez o efeito mais nefasto e duradouro do comércio de escravos transatlântico seja a

dependência económica que foi imposta aos afrodescendentes no seu despertar. Esta dependência tem afectado tanto os afrodescendentes como aqueles que residem no continente de África, mas de modos muito diferentes.

Em 1441, os mercadores portugueses regressaram a Portugal com o primeiro carregamento de escravos em cativo, desencadeando uma corrente de acontecimentos exploradores e destrutivos que, de acordo com o académico Robert July, nunca poderão ser remediados.<sup>16</sup> O comércio de sal, especiarias, algodão, armas de fogo, tabaco, bebidas espirituosas, ouro e escravos marcou o estágio em primeira instância da dependência africana da Europa e, posteriormente, das nações coloniais. Para o continente, este comércio – que despojou África de muitos dos seus melhores artesãos, arquitectos e intelectuais agrónomos – teve um efeito a longo prazo tanto na economia como no desenvolvimento, deixando as suas nações vulneráveis aos processos e às desigualdades tanto da colonização como da neo-colonização.

De acordo com uma estimativa, 12 milhões de africanos foram levados para o mundo Ocidental como escravos durante o período do comércio transatlântico de escravos.<sup>17</sup> Aqueles que foram escravizados viram-se completamente dependentes dos seus captores no que diz respeito à sua sobrevivência; as refeições, o vestuário e o abrigo eram providenciados aos escravos exactamente pelas mesmas pessoas que os retinham como prisioneiros.

O escravagismo instituído deu origem a que a dependência para com as potências europeias se tornasse completamente numa total realidade, e uma que marcou por baixo as vidas dos afrodescendentes desde o início do escravagismo no Hemisfério Ocidental. No período aproximado de 400 anos do comércio transatlântico de escravos, este sentimento de dependência das autoridades brancas para necessidades individuais e colectivas tonou-se numa parte intrínseca e certa do modo de vida, apagando das mentes da maior parte dos afrodescendentes a memória de um mundo no qual os africanos outrora eram senhores dos seus destinos. A degradação constante e a necessidade de se ajoelhar e de receber as migalhas do dono de alguém para fazer frente às suas necessidades materiais tornou-se num modo de vida comum para os afrodescendentes, que foram obrigados a abdicar da sua própria humanidade para conseguirem sobreviver.

Quando os E.U.A. e os países da América Latina libertaram as suas populações de escravizados, poucas ou nenhuma providões foram criadas para os recém libertos. Depois de séculos de uma subserviência e de uma dependência extrema, estas nações atiraram uma multitude de escravos libertos sem qualquer educação, iletrados, para uma realidade repleta de pobreza, desemprego, sem-tecto e para uma segurança social financiada pelo Estado.

Sendo atirados de uma posição de dependência para uma de pobreza abjecta, estes escravos libertos lutaram para obter respeito, para conseguir estabelecer as suas próprias comunidades e um sentimento de autonomia política, e de criar um meio de conseguirem sobreviver por si mesmos apesar de todas as probabilidades estarem contra eles. As igrejas e as escolas foram esperançosamente erguidas pelas mesmas mãos que tinham outrora erguido as infra-estruturas de várias nações, desta vez para benefício próprio. Contudo, uma falta de meios – de terras, de materiais de construção e o acesso à educação entre outras – resultaram em que a qualidade

desse esforço fosse muito inferior àquela que era necessária para uma verdadeira manutenção das comunidades afrodescendentes.

## América do Norte

A cidade de Nova Orleães no Louisiana (E.U.A.) fornece um exemplo perfeito da realidade afrodescendente nos E.U.A.. Outrora o maior porto de escravos da nação e a partir de Agosto de 2005, com uma população de 67% de afrodescendentes, Nova Orleães é uma cidade negra historicamente pobre, apesar de ser uma com uma rica herança cultural. Nos últimos dias de Agosto, o rompimento de um dique na zona baixa da Ala Nove seguiu-se pouco depois do furacão Katrina, deixando milhares de afrodescendentes encurralados entre as águas que subiam de nível, sem transportes, comida, água, electricidade ou auxílio. Demasiado pobres para fugir quando foi convocada a evacuação, os negros de Nova Orleães deram por si pendurados nos telhados, e empilhados uns por cima dos outros na Superdome (Estádio de Nova Orleães) e no Centro de Congressos, pedindo ajuda aos militares da Guarda Nacional dos E.U.A. – ou a quem quer que por lá passasse. Na maior parte dos casos, os seus pedidos foram ignorados.

Através da televisão, antes da passagem do furacão Katrina, o mundo via os negros dos E.U.A. como sendo poderosos e abastados. Essa falsa imagem alterou-se quando a flagrante imagem tirada pelo Katrina a Nova Orleães mostrou a realidade ao mundo; a maior parte dos negros dos E.U.A. vivem em condições “dignas do 3º mundo”, tal como todos os outros afrodescendentes.

A invisibilidade é um factor presente na vida de muitos afrodescendentes dos Estados Unidos, principalmente quando se focam as questões da pobreza e da distribuição de riqueza. A baixa da Ala Nove, zona de Nova Orleães mais danos sofreu, tem uma população 98,3% afrodescendente. Trinta e seis por cento dos residentes da Ala Nove viviam pobremente antes da inundaçãõ, e 65% das famílias que lá residem foram criadas por mães solteiras.<sup>18</sup> Esta pobreza deu origem a um sofrimento inexprimível às suas vítimas; depois da inundaçãõ, o Centro Nacional de Crianças Desaparecidas ou Exploradas preencheu mais de 4.724 relatórios de crianças perdidas ou “encontradas” oriundas de Nova Orleães e dos arredores.

De acordo com a Liga Urbana Nacional, o estatuto económico geral dos afrodescendentes nos E.U.A. corresponde a 57% do dos brancos.<sup>19</sup> Mas é provável que uma estatística ainda mais dura seja a que nos é dada pelo *New York Times*, que afirma que quase metade dos homens negros entre os 16 e os 64 anos se encontram desempregados.

No Canadá, prevalecem incidentes que se encontram bem documentados de racismo e de discriminação contra os afrodescendentes nas cidades em que estes residem, e os legados económicos e sociais do escravagismo tornam-se cada vez mais aparentes para os académicos. Vejamos o que afirmou Das Gupta sobre o assunto, no seu trabalho intitulado *O Racismo e o Trabalho Remunerado*: “O racismo permanece actualmente como parte da nossa cultura diária, e como uma ideologia conveniente para manter o trabalho barato providenciado pelas pessoas de cor e pelos negros. A ideologia do racismo ainda tem, nos tempos posteriores ao escravagismo e posteriores ao colonialismo, dado origem a uma exagerada representação dos trabalhadores negros e dos trabalhadores de cor nos trabalhos, no mínimo, indesejáveis, inseguros, e mais mal

pagos no segmento da força de trabalho. Simultaneamente, estes têm sido excluídos dos trabalhos mais desejáveis, mais seguros e mais bem pagos através de prática sistemática do mercado de trabalho... O trabalho das pessoas de cor e dos negros é visto à partida como “natural”, “desqualificado” e, portanto, inferior.”<sup>20</sup>

A História da residência dos afrodescendentes no Canadá é longa, mas mesmo assim as suas taxas de desemprego são superiores às das outras raças, mesmo entre aqueles que só recentemente imigraram para essa nação. O desemprego negro no Canadá aproxima-se dos 40%, enquanto que entre os grupos europeus essa cifra é inferior a seis por cento. O recenseamento canadiano de 1991 estimou que 31,5% dos afro-canadianos vivem abaixo do limiar da pobreza, em comparação com 15,7% da restante população canadiana. No que diz respeito às estatísticas sobre crianças e pais solteiros a viver abaixo do limiar da pobreza no Canadá – 40% e 23,8% respectivamente – são adicionadas à equação, as circunstâncias dos afro-canadianos tornam-se muito parecidas com as dos membros de grupos a residir nos E.U.A. e no estrangeiro. Outro factor a considerar na equação da pobreza dos afrodescendentes, tanto no Canadá como nos E.U.A., é a violência cometida por e contra os jovens negros, da qual resultam elevados números de mortos, de deficientes e de presos, privando, deste modo, as famílias afrodescendentes de um familiar remunerado.

#### América Latina

A pobreza dos afrodescendentes na América Latina é chocante, mesmo numa região em que ser pobre é um facto diário da vida da maior parte da população. O Banco de Desenvolvimento Inter-Americano, num estudo efectuado em 1996 sobre a qualidade de vida dos afrodescendentes na Argentina, na Colômbia, na Costa Rica, no Equador, nas Honduras, no Peru, no Uruguai e na Venezuela, constatou que a qualidade de vida dos afrodescendentes na América Latina era praticamente a mesma em todos os países examinados.

Actualmente existem poucos dados sobre o estatuto económico dos afrodescendentes no México. Embora seja de lamentar esta lacuna na pesquisa, esta por si só revela a marginalização e a quase invisibilidade da população afrodescendente do México, e a lacuna do governo mexicano em identificar as necessidades e as circunstâncias dos seus grupos populacionais minoritárias.

Os estudos mostram que mais de 90% dos afrodescendentes da América Central e do Sul vivem abaixo do limiar da pobreza, enquanto que trabalham em empregos mal remunerados e recebem uma educação limitada. Os negros debatem-se frequentemente com a discriminação racial na América Latina, e mantêm-se como o sector populacional mais excluído, de acordo com Quince Duncan da Comissão Científica Internacional do Projecto da Rota Esclavagista da América Latina. Duncan acrescenta ainda que “a situação dos negros tem recebido menos atenção que a dos povos indígenas”, e de facto vários estudos confirmam que os afrodescendentes não têm sido alvo das mesmas protecções e de apoio ao desenvolvimento que são atribuídas aos grupos indígenas.

“É frequente os índios e os negros competirem para os mesmos empregos”, afirma Oswaldo Bilbao, director executivo do Centro Para o Desenvolvimento Étnico do Peru. “Os índios

afirmam, ‘nós chegamos cá primeiro. Somos os donos desta terra.’ O negro afirma ‘Eu não quis vir para cá. Mas cá estou, e também sou peruano.’”

Uma breve vista de olhos às estatísticas de toda a região serve para abrir os olhos àqueles que se questionem se os afrodescendentes padecem de pobreza num grau mais elevado que as outras minorias. No Equador, 81% dos afrodescendentes vivem abaixo do limiar da pobreza. Mais de cinquenta por cento dos afrodescendentes do Brasil vivem em casas sem a salubridade adequada, enquanto que só 28% dos brasileiros brancos se encontram nesta situação. Do mesmo modo, noventa e oito por cento das comunidades negras colombianas não têm acesso aos bens públicos essenciais (água, electricidade e gás).<sup>21</sup> El Choco, Colômbia, região da costa do Pacífico em que residem muitos afro-colombianos, é uma das mais pobres e das mais isoladas do país, a guerra civil entre as forças do governo e as guerrilhas tem afectado de um modo desproporcional os afro-colombianos, desalojando centenas de milhar.

Mais de 80% de todas as famílias de afrodescendentes da Colômbia são pobres, com um vencimento anual que ronda os 500 dólares, comparados com os 1.700 dólares anuais dos colombianos que não são negros.<sup>22</sup> Os afro-colombianos, tal como muitos outros grupos de afrodescendentes, vivem em áreas em que a pobreza, a violência e o tumulto social são exuberantes.

A maior parte dos afrodescendentes da América Latina são relegados para empregos estereotipados, muitos deles baseados no escravagismo. O Grupo de Direitos das Minorias realça que os negros são frequentemente empurrados para empregos mal remunerados que requerem esforço físico e pouco intelecto e que as negras são contratadas praticamente só como empregadas domésticas ou babás. Muitas destas mulheres são mães solteiras sem emprego fixo nem seguro de saúde providenciado pelos empregadores. Garifunas – ou descendentes de escravos africanos foragidos – na Guatemala e nas Honduras também se encontram atrasados no que diz respeito aos meios de qualidade de vida, apesar de terem recebido alguma atenção por parte das ONGs e de programas de apoio, ao contrário dos outros membros deste grupo. Resumindo, os programas de desenvolvimento existentes não conseguem lidar com os problemas dos afrodescendentes. Em muitos casos, as decisões mais importantes são efectuadas de acordo com as comunidades historicamente relevantes e empobrecidas sem qualquer conhecimento ou envolvimento afrodescendente, mantendo a invisibilidade que tem historicamente tentado definir a sua existência.

## Caraíbas

O Banco Mundial estima que só 38% dos haitianos têm acesso a água potável. Sofrendo de uma pobreza generalizada, de uma devastadora desolação e deflorestação e com uma taxa de desemprego de 60%, o Haiti foi literalmente abandonado pelo mundo ocidental depois da sua revolução, talvez devido ao seu estatuto como uma república de ex-escravos negros livres com poderio militar óbvio num mundo em que a supremacia branca tem reinado, sistematicamente, como a força dominante. O Haiti mantém-se economicamente isolado, com a excepção de pequenas quantidades de apoios e empréstimos de bancos internacionais, e tem de importar 100% da sua comida. A população do Haiti tem aumentando descontroladamente; espera-se que,

até 2050, a sua população duplique, <sup>23</sup> apesar do seu estatuto como nação mais pobre do Hemisfério Ocidental.

A média de ordenados na Jamaica é de 2.690 dólares anuais, e 45% das famílias jamaicanas são chefiadas por mães solteiras. As taxas de desemprego são de 9,5% para os homens e de 21,8% para as mulheres; entre os jovens, entre os 15 e os 29 anos, a taxa de desemprego varia entre 20% a 31% a nível nacional. <sup>24</sup> Na cidade de Kingston, metade das casas não possui água canalizada e 60% delas não possui instalações sanitárias próprias.

A Reuters, num estudo efectuado em 1991, realça que apesar das Bermudas terem alcançado um dos maiores rendimentos per capita do mundo, a maior parte dos afrodescendentes não partilham desta prosperidade. O estudo revelou que os negros com estudos universitários ganham menos que os brancos que nem acabaram o ensino secundário. Em Cuba, onde os afrodescendentes são uns 60% da população, o racismo tem vindo a piorar nos últimos anos, de acordo com um estudo levado a cabo pelo governo cubano. Na Colômbia, o Departamento de Planeamento Nacional reconhece que 80% dos afro-colombianos vive abaixo do limiar da pobreza.

## **Agressão Cultural & Discriminação**

O escravagismo nas Américas originou, possivelmente, a mais cruel agressão sobre um povo. Os cativos africanos, acabados de chegar às Américas, eram separados daqueles que falavam a sua língua e “condicionados” pela violência e pela degradação. O objectivo deste “condicionamento” era o de lhes inculcar uma mentalidade de escravos, destruir a sua essência como povo, e despojá-los da memória do seu ser. Ocorria uma “morte” mental e espiritual, enquanto os escravos eram assimilados pela força bruta na cultura dominante, na maior parte dos casos euro-cêntrica. Actualmente os afrodescendentes demonstram um desejo cada vez maior de se conhecerem e de serem, e de determinar o seu próprio destino como povo. Este desejo revela-se como uma força de génese étnica e de indemnizações.

Apesar do desejo crescente de autoconhecimento e de autodeterminação, e apesar de partilharem um ambiente comum e da sua experiência comunitária em todo o mundo, os afrodescendentes dos vários países ainda se encontram profundamente divididos pela nacionalidade, pela cor da pele, pelo sucesso escolar e pelo estatuto económico. Implementada no tempo do escravagismo, a técnica de dividir para conquistar utilizada pelos ex-donos coloniais tem evitado até à actualidade que os afrodescendentes se juntem como um só povo num movimento massivo cujo principal objectivo seja o de melhorar a sua situação colectiva.

### **América do Norte**

Nos E.U.A., as iniciativas governamentais têm ousadamente tentado destruir as tentativas dos afrodescendentes estabelecerem uma comunidade, uma cultura sustentável, autonomia política e mesmo um envolvimento político no sistema. Os efeitos da COINTELPRO [Contra-informação – nota do tradutor] – um projecto do Departamento Federal de Investigação [FBI – n. do t.] tem historicamente escolhido como alvo os líderes negros – têm começado a ser conhecidos nos

últimos anos, atraindo a atenção dos membros do Congresso bem como a dos activistas dos direitos civis e dos direitos humanos. A comunicação social americana tem mantido o silêncio sobre este assunto, tal como tem mantido o silêncio no que diz respeito às questões que afectam as vidas dos afrodescendentes. Isto pode dever-se há escassez de jornalistas e de editores afrodescendentes na indústria da comunicação social dos E.U.A., ou a uma tentativa deliberada da sociedade branca dos Estados Unidos de tornar os afrodescendentes invisíveis e, portanto, irrelevantes.

A privação dos direitos civis tem sido, historicamente, parte do esforço em manter os afrodescendentes fora do sistema. Nas eleições presidenciais de 2001 nos E.U.A., os eleitores afrodescendentes da Florida queixaram-se de terem sido alvo de intimidações durante as sondagens e de uma privação política dos seus direitos civis, apesar das suas preocupações terem caído em orelhas moucas. Os crimes de ódio racial contra os negros mantém-se inabalável nos E.U.A.; isto foi testemunhado recentemente no espancamento de um cidadão de 64 anos, residente em Nova Orleães, por vários polícias brancos da cidade de Nova Orleães no mês de Outubro, 2005.

O Centro Para a Renovação Democrática estima na sua publicação de 1997, *Nem Todos Usam Lençóis: Cronologia da Violência Racista e de Extrema-Direita – 1980-1986* que o movimento de supremacistas brancos da América possui entre 15.000 a 20.000 activistas e que outras 150.000 pessoas frequentam as reuniões de “cristãos patriotas” e os encontros do Ku Klux Klan. Quer os polícias brancos que espancam cidadãos negros sejam ou não membros deste movimento, este comportamento demonstra a traição e a negligência dos agentes para com os papéis que assumiram como funcionários e protectores públicos, e ilustra o sentimento de um racismo instituído que continua a envolver a maior parte das instituições burocráticas americanas actualmente.

O motim racial de Tulsa, no Oklahoma, em 1921 é outro exemplo da sociedade americana no seu pior. Despoletado pela alegada agressão sexual de um jovem negro a uma mulher branca, os habitantes de Tulsa entraram em frenesim durante vinte e quatro horas, sendo o resultado a morte de cerca de 250 pessoas e o incêndio de mais de 1.000 moradias e estabelecimentos comerciais negros. Ocorreu uma situação semelhante em Rosewood, na Florida, em 1923. Este tipo de incidentes têm acontecido frequentemente no decurso de toda a História americana e continuam a ocorrer actualmente, como foi ilustrado pelo abandono e pela degradação dos cidadãos negros de Nova Orleães depois da ruptura do dique da cidade.

Instantâneos de ódio e de negligência não são as únicas formas de agressão cultural e de discriminação com que se deparam os afrodescendentes dos Estados Unidos. Existe um bloqueio severo por parte da cobertura da comunicação social sobre o dia a dia das vidas dos afrodescendentes, excepto quando se supõe existir uma conduta criminosa. Uma estereotipização negativa dos negros continua a ser levada a cabo na televisão dos E.U.A., nos filmes e na indústria discográfica, enquanto que as alcunhas e comentários relacionados com a sua negritude são uma ocorrência habitual no dia a dia dos afrodescendentes. Novamente, Nova Orleães providencia-nos uma ilustração memorável; relatos de bandos de negros a assassinar e a violar no breu da noite, no estádio de Nova Orleães, foram emitidos para todo o mundo pelos

jornalistas televisivos até que, eventualmente, se soube que as histórias não passavam de mentiras e os comentadores televisivos foram obrigados a confessar que não existiam quaisquer provas de que bandos de negros andassem a aterrorizar toda a gente, ou de que sequer existissem.

Não existe muita informação disponível no que diz respeito à discriminação e à agressão cultural contra os afrodescendentes no Canadá comparada com a dos Estados Unidos. Num relatório de 1995 preparado para o Município Metropolitano de Toronto intitulado *Ódio: As Comunidades Conseguem Retaliar*, realça-se que, de acordo com as estatísticas da Polícia Metropolitana de Toronto, as minorias raciais constituem o número mais significativo de indivíduos violentamente atacados nos crimes de ódio (54%) e que “foram vitimados indivíduos negros em mais de metade (51%) dos incidentes raciais decorridos em 1995.”<sup>25</sup>

### América Latina

O México só agora começou a aperceber-se do seu problema racial, que foi focado recentemente. Em Maio de 2005, o governo mexicano recebeu críticas de negros americanos por causa da edição de um selo comemorativo com a imagem de uma personagem de banda desenhada dos anos 40, Memín Pinguin. A figura é composta pelas características que têm estereotipado os afrodescendentes no Ocidente desde os primórdios do século XIX, entre elas lábios exageradamente grandes e olhos protuberantes. Esta imagem dos negros é difundida pela comunicação social massiva de várias nações, apesar de o ser de modos diferentes, e contribui para a estereotipização e para a exclusão dos afrodescendentes. É este tipo de mentalidade que contribui ainda mais para o fardo que tem de ser carregado pelos afrodescendentes.

Os afrodescendentes da América Latina deparam-se com uma discriminação racial flagrante, e esta cobre todos os aspectos das suas vidas diárias. Wade relata que os negros da América Latina são formalmente excluídos de certos clubes e hotéis, sujeitos a anúncios de emprego que pedem uma aparência boa, ou de “pele clara”, são insultados nas ruas, assediados pelos cidadãos e perseguidos pela polícia.<sup>26</sup>

Esta realidade é uma contradição directa da teoria de que existe uma democracia racial na América Latina; esta filosofia argumenta que ser negro é um estado de transição que pode ser alterado pelo branqueamento recorrendo à miscigenação ou à acumulação de riqueza.<sup>27</sup> Tanto no Brasil como na Colômbia, os países com as maiores populações afro-latinas da América do Sul, os afrodescendentes encontram-se, e sempre se encontraram, entre os cidadãos mais pobres, menos educados e com menores salários. Os dados rebatem a teoria da democracia racial e manifestam uma relação definitiva entre a discriminação e a pobreza na América Latina.

Se não bastasse entre as formas de agressão cultural e discriminação dirigida aos afrodescendentes encontram-se as violações dos direitos humanos que têm ocorrido com o passar dos tempos e que ainda ocorrem: assimilação e procriação forçadas, perda da língua pátria e da religião indígena, separação da história familiar, da genealogia e da nação africana de origem, bem como a exploração da cultura negra por parte da comunicação social popular encontram-se entre elas. Devido a tais práticas, resulta um sentimento de vergonha incutido em muitos, que

origina do estigma de serem da ascendência de escravos africanos; é o suficiente para que, frequentemente, muitos afrodescendentes prefiram não se identificar como tal.

### Caraíbas

O Departamento de Estado dos E.U.A. relatou em 2004 que, apesar da abolição do escravagismo por parte do Império Britânico em 1834, a segregação racial continuou a ser praticada nas escolas, nos restaurantes, nos hotéis e noutros locais públicos das Bermudas até aos anos 60. Apesar da discriminação racial, ou sob qualquer outro pretexto, não ser legalmente tolerada na actual sociedade multirracial das Bermudas, o Departamento de Estado afirma que as questões raciais continuam a fazer parte das Bermudas tanto politicamente como socialmente.

Em Cuba, as relações interracialias são frequentemente mal vistas. Os afro-cubanos são vistos como sendo mais inclinados para o comportamento criminoso, e o padrão europeu de beleza domina a cultura. Apesar das tentativas do governo para eliminar o racismo da sociedade cubana, a mentalidade e as atitudes racistas persistem. De igual modo, Jorge Ramires, da Associação Negra Para a Defesa e Desenvolvimento dos Direitos Humanos, afirma que “o racismo no Peru não se encontra nas leis. Encontra-se na mentalidade do povo.”

## Educação

### América do Norte

Nos E.U.A., a Liga Urbana descobriu que os professores com menos de três anos de experiência dão aulas nas escolas das minorias ao dobro do ritmo em que as dão nas escolas brancas. Isto tem um efeito directo na qualidade da educação que os membros deste grupo recebem bem como no seu nível de sucesso escolar. Enquanto que a inscrição de negros no ensino pré-escolar desceu três pontos dos seus 60% em 2004, as inscrições no ensino pré-escolar branco aumentou quatro por cento, estes números decrescentes demonstram o estatuto educacional dos negros por toda a nação.

Actualmente, um em cada cinco afro-canadianos frequenta a universidade ou obteve um bacharelato. É possível que a lacuna mais flagrante da educação pública juvenil canadiana seja a inexistência da História afro-canadiana; o Secretariado de Estado para o Multiculturalismo encontra-se actualmente a trabalhar nesta questão.

### América Latina

Os afrodescendentes da América Latina recebem pouca educação, se alguma. No Brasil, o nível de analfabetismo entre os negros é entre 15 a 20% enquanto que para os brancos é de apenas 8%. A Chronicle of Higher Education – sediada nos E.U.A. – estima que “Enquanto que 45 por cento da população de 170 milhões do país se define como negra ou parda – de raça misturada – no recenseamento de 2000, só 17 por cento dos finalistas universitários são de raça misturada e só 2% deles são negros.”<sup>28</sup> Os brasileiros negros passam em média 6,4 anos a estudar.<sup>29</sup> De igual

modo, as comunidades afro-colombianas debatem-se com uma taxa de analfabetismo de 32% e num cenário em que uns meros 38% dos adolescentes afrodescendentes conseguem frequentar o ensino secundário. Só 2% da juventude afro-colombiana frequenta a universidade.

## Caraíbas

Em quase todas as comunidades anteriormente enumeradas e nas Caraíbas, não são atribuídas aos afrodescendentes as mesmas oportunidades educacionais que aos elementos dos outros grupos. Estas discrepâncias são flagrantemente visíveis quando comparadas com as lacunas existentes entre os níveis de sucesso escolar obtidos entre negros e brancos. Resumindo, os afrodescendentes representam um número desproporcional de abandono escolar nas suas nações. Muitos deles não sabem ler nem escrever.

Adicionalmente, a sua própria História como grupo – em todas as nações – é literalmente mantida fora dos currículos escolares estatais. Isto manifesta um desinteresse flagrante pelos verdadeiros registos históricos de cada nação, principalmente no que diz respeito ao seu próprio passado escravagista. As Nações Unidas estão a tentar lidar com esta questão no seu Programa Sobre o Comércio Transatlântico de Escravos, que tenta incorporar informação sobre o comércio de escravos nos currículos escolares. Na maior parte das nações, contudo, este programa ainda não foi implementado; se for adoptado, pode causar prejuízos aos interesses nacionais realçando a exploração dos negros e a cumplicidade dos Estados para com este assunto.

A pobreza e a falta de recursos educacionais traduzem-se frequentemente numa educação desadequada das crianças de Cuba. A TransAfrica realça que a Escola Abel Santa Maria, que educa crianças com deficiências visuais, tem um só computador funcional para 212 crianças.<sup>30</sup> Cuba tem uma taxa de alfabetismo de 96% apesar de só 81% dos seus cidadãos se inscreverem no ensino secundário, e uns meros 13% frequentarem a universidade. Noventa e três por cento da população do Haiti é analfabeta – um número assustador – enquanto que na Jamaica, os cortes de orçamento do governo tenham resultado em menos educação para muitos dos seus habitantes.

## Cuidados de Saúde

### América do Norte

A saúde dos afrodescendentes dos E.U.A. mantém-se em declínio. A taxa de mortalidade infantil é duas vezes mais alta para os negros, e os adultos padecem de uma taxa de mortalidade desproporcionalmente alta de causas em que se incluem as doenças e ataques de coração, homicídio, acidentes, cirrose e diabetes. Os afrodescendentes masculinos sofrem duas vezes mais de doenças do coração do que os brancos, e os negros padecem mais do fatalismo dos cânceros de mama e da próstata.<sup>31</sup>

A Liga Urbana, no seu relatório de 2005, estima que as infecções de HIV afectam os afrodescendentes numa taxa cinco vezes superior aos brancos, que as mulheres negras têm vinte vezes mais probabilidade de serem infectadas do que as mulheres brancas e que os negros são

cinco vezes mais vítimas de homicídio. Um relatório emitido pela Comissão dos Direitos Civis dos E.U.A. confirma que a discriminação nos cuidados de saúde é uma realidade para os negros dos Estados Unidos.

Alguns acadêmicos acreditam que muitos dos problemas mentais que afectam as comunidades afrodescendentes podem ser rastreados até à sua ascendência escravagista, ou pelo menos atribuídos ao trauma sofrido por esse legado. O psiquiatra de Harvard, Dr. Chester Price, descreve o ambiente em que os negros americanos vivem como um ambiente extremamente mundano, ou um ambiente no qual o racismo e a opressão subtil são constantes, persistentes e

---

1 *Should America Pay?*, Slave Taxes

2. *The Trans-Atlantic Slave Trade, a Database on CD-ROM*, Eltis, Behrendt, Richardson e Klein, Cambridge University Press, 1999

3. *Africans in America Pt.1*, Public Broadcasting System (PBS) Web Site, 12 de Out., 2005

4. *The Negro Holocaust: Lynching and Race riots in the United States, 1880-1950*, Gibson, Robert, Yale-New Haven Teachers Institute, 1979

5. *Intelligence Report*, Southern Poverty Law Center Web Site, 12 de Out., 2005

6. *Early Black Canadian History*. Fabbi, 2003

8. *Blacks in Mexico*. Vinson, B. 2000. Library of Congress Web Site, 26 de Set., 2005

9. *Mexico Slow to Confront Racial Issues*, Samuels, L., *Dallas Morning News Web Site* 2005

010. *The Region: Race, Latin-America's Invisible Challenge*, Inter-American Development Bank, Janeiro, 1997

11. *Haiti: A Country Study*, Library of Congress Web Site, 13 de Out., 2005

212. *Dominican Republic: A Country Study*, Library of Congress, Web Site, 13 de Out., 2005

313. *World Fact Book*, CIA Web Site, 13 de Out., 2005

414. *Afro-Cubans in Exile: Tampa, Florida, 1886-1984*, Greenbaum, Susan, 2002

515. *Afrodescendants in Latin America: How Many?*, Inter-American Dialogue, 2001

616. Robert July, *A History of The African People*, Waveland Press, Prospect Heights, Illinois, 1998

717. Johannes Postma, *The Atlantic Slave Trade*, Londres, Greenwood Press, 2003

818. *Greater New Orleans Community Development Organization Web Site*, 2005

mundanos. As “micro-agressões” sofridas pelos adolescentes afrodescendentes, afirma Price, têm tido um impacto nefasto na psique e no modo com que os negros vêem o mundo. Estas feridas podem afectar os sentidos da auto-percepção e o comportamento dos negros, e são stressantes, infames e desgastantes.<sup>32</sup>

É necessário efectuar mais pesquisas no que diz respeito ao estado da saúde dos afrodescendentes do Canadá.

## América Latina

A saúde na América Latina é uma grande preocupação para todas as comunidades, mas os

---

919. *State of The Black Union Report 2005*, National Urban League, 2005

020. *Racism and Paid Work*, Tania Das Gupta, Garamond Press, Toronto, 1996, da 1 à 40, esp. pgs. 14-15

121. *Afrodescendants, Discrimination and Economic Exclusion in Latin-America*, Minority Rights Group International, 2005

22. *Speech*, Murillo, Luis Gilberto, ex governador do Estado Choco, Colômbia, E.U.A., 2001

323. UNICEF, Web Site

424. *Regional Core Health Data System Country Profile*, Pan American Health Organization

525. *African Canadian Legal Clinic*, 2002

626. *Ethnicity, multiculturalism and social policy in Latin America: Afro-Latin and Indigenous populations*, Wade, Peter, 2004

727. *Report for Congress*, Gibando

828. *Long after slavery, inequities remain in Peru*, Miami Herald, 2004

929. *From Racial Democracy to Affirmative Action: Changing State Policy on Race in Brazil*, Latin American Research Review, Vol. 39, No.1, Feb.2004

030. *The Consequences of the U.S. Economic Embargo on Afro-Cubans: A Transcript of Proceedings*, TransAfrica Forum, 1997

131. *Health Resources and Services Administration, Health Care Rx: Access for All, President's Initiative on Race*, 1998

232. *Mundane Extreme Environmental Stress and African-American Families: A Case for Recognizing Different Realities*, Grace Carroll, Journal of Comparative Family Studies, 2005

afrodescendentes encontram-se como sendo os menos saudáveis e com menos acesso aos cuidados de saúde quando comparados com todos os outros grupos populacionais. Actualmente, não foram encontrados dados específicos no que diz respeito a saúde dos afrodescendentes no México. São necessárias mais pesquisas. O Grupo dos Direitos das Minorias realça que os seguros de saúde na Colômbia se atribuem só a 10% das comunidades afrodescendentes, comparados com 40% das comunidades brancas.<sup>33</sup> No Brasil – um país com uma taxa de mortalidade que afecta 62 em cada 1.000 crianças negras – a população branca é 2,5 vezes mais saudável que a população afrodescendente. No Guiana os afrodescendentes debatem-se com uma disseminação da SIDA; é uma doença que contínua a afectá-los desproporcionalmente, e que resulta numa esperança de vida menor, e numa taxa de mortalidade infantil e adulta maior, bem como numa taxa de natalidade e de crescimento populacional menores. Na região das Esmeraldas no Equador, os afrodescendentes têm uma taxa maior de suicídios e de homicídios, enquanto que na Garifuna, na zona costeira das Honduras, se nota uma taxa muito superior de HIV/SIDA entre a generalidade da população.

Por toda a América Latina, as estatísticas demonstram que os afrodescendentes padecem de um modo geral de taxas maiores de HIV/SIDA, de uma severa falta de médicos, de taxas de mortalidade infantil mais altas, de uma esperança média de vida mais baixa e de uma incidência maior de diabetes, cancro, hipertensão, tensão alta e problemas respiratórios.

#### Caraíbas

As Caraíbas não são excepção quando examinamos os problemas de saúde e de um cuidado de saúde inadequado. O Haiti tem uma esperança média de vida de meros 54 anos e uma taxa de mortalidade infantil de 71 por cada 1.000. O Banco Mundial estima que a subnutrição afecte metade de todas as crianças do Haiti, e que nascem diariamente onze bebés com HIV positivo. Globalmente, 300.000 pessoas desta nação caribenha têm HIV positivo, e o Haiti e a República Dominicana dão conta dos 85% dos casos conhecidos de HIV/SIDA nas Caraíbas. A Jamaica tem uma esperança média de vida mais alta, de 75,7 anos, mas muitos jamaicanos padecem de doenças respiratórias e de taxas altas de diabetes. Um relatório de 1997 da Associação Americana da Saúde Mundial relata que o embargo dos E.U.A. a Cuba resultou num aumento significativo do sofrimento e das mortes em Cuba, na qual a esperança média de vida é de 76 anos. A taxa de mortalidade infantil em Cuba é de 7% para a população cubana em geral; não foram encontradas estatísticas específicas sobre os afrodescendentes.

### **Direito Legal à Igualdade Perante a Lei**

Foi do legado do escravagismo que surgiu o conflito entre os afrodescendentes e os sistemas políticos ocidentais. Os afrodescendentes do Hemisfério Ocidental têm sido historicamente despojados dos seus direitos civis, sido alvo preferencial dos agentes das forças da autoridade e vistos negados todos os seus recursos às mãos dos sistemas racistas. Depois de séculos a serem-

---

33. *CRS Report for Congress, Afro-Latinos in Latin America and Considerations for U.S. Policy*, Claire Ribando, Congressional Research Service, The Library of Congress, 2005

lhes negados os direitos de igualdade legal perante a lei, e depois de gerações terem sofrido sob o peso das opressões legais, económicas e sociais, muitos afrodescendentes tornaram-se apáticos e separatistas nas suas inclinações. Esforços para compensar as comunidades afrodescendentes dos abusos e das lesões sofridas têm sido praticamente inexistentes, e quando experimentados são geralmente ineficazes devido à sua desconfiança no sistema, e devido às intenções e aos interesses nebulosos protegidos por parte dos vários Estados.

Contudo a mais nefasta desigualdade perante a lei pode dizer respeito à lei internacional que protege o direito das minorias a desfrutarem da sua cultura de origem, a professarem e a praticarem a sua religião de origem e a utilizar a sua língua de origem. Enquanto que outras minorias podem desfrutar das protecções oferecidas no Artigo 27 do Tratado Internacional dos Direitos Políticos e Civis, e da Declaração dos Direitos das Minorias, os afrodescendentes não possuem igual protecção ao abrigo dessas leis, uma vez que a sua língua de origem, a sua cultura e a sua religião lhes foram tiradas à força durante o escravagismo e lhes são negadas pela nefasta consequência dos efeitos do escravagismo.

#### América do Norte

Haney e Zimbardo escrevem que “Nos primórdios dos anos 90, os E.U.A. controlavam mais homens negros (entre os 20 e os 29 anos) através do seu sistema de justiça criminal do que o número total destes que frequentavam a universidade. Este e outro factores levaram os académicos a concluir que as políticas de controlo da criminalidade eram uma grande contribuição para a desagregação familiar, para a prevalência de famílias de pais solteiros, o número de crianças criadas sem pai nos guetos, e a impossibilidade dessas pessoas em conseguir obter os empregos ainda disponíveis.”<sup>34</sup>

A discriminação de conotação racial afecta quase todas as partes do sistema judicial dos Estados Unidos, e embora os afrodescendentes componham apenas 13% do total populacional dos E.U.A., estes constituem 80% da população prisional. Estes números fazem com que seja fácil concluir que existem, de facto, disparidades, e que os afrodescendentes não são, portanto, sujeitos a uma igualdade legal perante a lei.

Nos E.U.A., a Amnistia Internacional relata existirem provas de discriminação racial e de maus tratos e de tratamento parcial pela polícia muito bem documentadas. Os abusos incluem linguagem racista, assédio, paragens em operações stop, buscas e detenções arbitrárias, bem como disparidades raciais nas taxas de pena de morte e de prisões. A Amnistia clarifica que a polícia e os guardas prisionais abusam frequentemente dos prisioneiros com afirmações racistas como “escarumba, rapaz, macaco de alpendre e escurinho”, e exibem uma utilização de força excessiva e utilização de armas de choques eléctricos.<sup>35</sup> Além disto, existem numerosas instâncias em todo o percurso histórico dos afrodescendentes dos E.U.A. em que estes foram vitimados e mesmo mortos pela polícia. No Chicago, dos 115 civis mortos por disparos policiais

---

434. *Twenty-five Years After the Stanford Prison Experiment*. Haney, C. & Zimbardo, P. American Psychologist, Vol. 53, 1998

535. *Racism and The Administration of Justice*, Amnesty International, 1999

entre 1990 e 1998, 82 eram negros. O Projecto de Sentenças estima que um em cada dez negros americanos se encontra preso; se os homens negros detidos nas prisões dos condados e nas prisões locais for adicionado a esta referência, a estimativa escala para um em cada sete. Este é um contraste flagrante com os 1% de homens brancos que se encontram actualmente encarcerados nos E.U.A..<sup>36</sup> Estas disparidades começam na sala do tribunal: a Liga Urbana realça que os afrodescendentes recebem sentenças que são em média seis meses superiores às dos brancos; os negros são também mais frequentemente condenados à morte pelos seus alegados crimes. Estes números têm tido um impacto enorme nas relações entre as comunidades afrodescendentes e os agentes das forças da autoridade, como notado pela anterior Procuradora Geral dos E.U.A., Janet Reno, na seguinte afirmação em 1999: “Para muitas pessoas, principalmente das comunidades minoritárias, a confiança que é essencial para um policiamento eficaz não existe porque os residentes acreditam que a polícia tem utilizado força excessiva, que as autoridades são muito agressivas, que os agentes são parciais, desrespeitosos e injustos.”

No Canadá, nos anos 90, foi levado a cabo um grande estudo pela Comissão Sobre o racismo Sistemático, ao Sistema Judicial do Ontário dizendo respeito ao impacto do racismo nas comunidades afrodescendentes do Ontário. Esta comissão foi organizada em resposta à deterioração das relações entre o Departamento de Polícia do Ontário e os afrodescendentes. “Os negros estão demasiadamente representados na população prisional”, revelou o estudo. “No período de seis anos anterior a 1993, descobriu-se que a população negra do Ontário tinha aumentado em 36% enquanto que a população de presos negros tinha aumentado em 204%.”<sup>37</sup>

## América Latina

As disparidades nas taxas de condenações e de prisões de afrodescendentes também estão presentes na América Latina. O relatório de 2003 do Departamento de Estado Para os Direitos Humanos revela que “a discriminação contra os negros e os povos indígenas mantém-se inabalável,” e que “as pessoas de cor têm uma probabilidade cinco vezes superior de serem atingidas por tiros ou mortas no decorrer das acções dos agentes da autoridade do que as pessoas que pareçam ser brancas.”

A Amnistia acrescenta que os afro-brasileiros são desproporcionalmente vitimados pelas forças de segurança e que lhes são rotineiramente negadas as mesmas vantagens que são permitidas aos suspeitos criminosos da classe média branca. Em 2000, São Paulo relatou que em 1999 54% dos suspeitos criminosos mortos nessa região pela polícia eram negros. Os especialistas têm testemunhado que entre aqueles que se encontram encarcerados no Brasil, a maior parte são afro-brasileiros. Um número desproporcional de afrodescendentes também se encontram retidos nas cadeias e nas prisões da Colômbia e da Guatemala.

## Caraíbas

---

636. *New Prison Population Figures, Crisis and Opportunity*, The Sentencing Project, Julho de 2002

737 African Canadian Legal Clinic, 2002

As Bermudas são conhecidas internacionalmente como sendo um país com um dos maiores rendimentos per capita do mundo e são também conhecidas por serem um dos líderes mundiais no que diz respeito a emprisonamentos. Noventa e oito por cento dos presos das Bermudas são negros, isso significa que 148 em cada 10.000 homens negros das Bermudas se encontram na prisão. As disparidades nas sentenças e nas prisões na maior parte das nações das Caraíbas são difíceis de provar neste estágio da pesquisa.

## **Propriedade Sobre Terras e Moradias**

### América do Norte

Menos de 50% das famílias negras são proprietárias das suas próprias casas nos E.U.A., comparando com os 70% dos brancos, de acordo com A Liga Urbana. A Liga afirma que são negados aos negros hipotecas e empréstimos para melhoramentos domésticos duas vezes mais frequentemente que aos brancos, e que existem muitas terras a serem retiradas aos afrodescendentes. No Louisiana a Parish Levy Board de Orleães foi ordenada pelo Tribunal Supremo do Louisiana a indemnizar os afrodescendentes pelas terras da qual a agência os expulsou. Em 2001, a Associated Press compilou uma série de artigos intitulada *Separados da Terra*, que documentava acontecimentos semelhantes. A AP documentou 107 incidentes de expropriações de terras, nos quais 406 proprietários negros perderam mais de 24.000 hectares de terra arável, bem como 85 pequenas propriedades. É necessário efectuar mais pesquisas para determinar os direitos de propriedade sobre as terras e as moradias por parte dos afrodescendentes do Canadá.

### América Latina

Os afrodescendentes da América Latina envolvem-se cada vez mais em disputas sobre terras ancestrais. O Grupo Para os Direitos da Minorias argumenta que as terras nas quais os afrodescendentes residem são normalmente escolhidas pelos responsáveis do desenvolvimento e investidores corporativos devido a uma lacuna no que diz respeito ao reconhecimento dos afrodescendentes como legítimos proprietários das terras. As autoridades do governo, acrescenta o GDH, é frequentemente negligente no que diz respeito a proteger as populações locais das empresas e dos empreiteiros predatórios. “É permitido às empresas um acesso literal e sem restrições às áreas dos afrodescendentes à procura de recursos naturais, enquanto também encorajam a colonização das terras dos afrodescendentes”, afirma a ONG na sua publicação *Afrodescendentes, Discriminação e Exclusão Económica na América Latina*.

No Brasil, mais de 2.000 quilombos, ou afrodescendentes, ocupam cerca de 30.000 hectares de terra. Até agora, só 70 de 743 conseguiram colocar em seu nome as suas terras. Nas áreas de propriedade dos afrodescendentes, principalmente nas florestas tropicais das suas nações respectivas, o desenvolvimento ameaça destruir a ordem ecológica das coisas. Mesmo assim – e apesar do facto de que largas secções de terra terem significado historicamente um meio de refúgio do escravagismo e da exclusão – os empreiteiros tentam capitalizar o crescimento turístico, o conseguir registar terras ancestrais torna-se cada vez mais difícil.

Caraíbas

É necessário efectuar mais pesquisas para determinar os direitos de propriedade das terras e das moradias nos países das Caraíbas.

## Resumo

Este trabalho, nesta altura, não passa de uma tentativa limitada de providenciar as partes interessadas com um resumo dos problemas que dizem respeito à qualidade de vida com que se deparam os afrodescendentes na região das Américas; não é de modo nenhum compreensível, em vez disso, é um trabalho constantemente em progresso. Pede-se a compreensão do leitor mas o constrangimento do tempo, os escassos meios e dados académicos disponíveis em determinadas áreas e o facto deste trabalho ser o primeiro do seu género em tentar determinar qual a situação em que se encontram os afrodescendentes como um todo em vários países. Os dados académicos existentes são especificamente para cada país; este trabalho tenta ser especificamente global, abordando o todo.

Mesmo assim, pode afirmar-se inequivocamente que os afrodescendentes de toda a região são sujeitos a formas semelhantes de opressão, de exclusão económica e de discriminação. Esta semelhança de experiências é uma das coisas que os define como grupo; são – na maior parte – minorias nos seus próprios países de residência e são tratados como se tivessem menos importância que a maioria da população. Pouco pode ser feito para alterar as suas respectivas situações sem que sejam efectuadas alterações nas políticas emitidas pelos Estados, uma maior inclusão económica e uma indemnização pelas lesões e pelos abusos dos direitos humanos sofridos. Estas coisas não podem ocorrer sem que ocorra uma alteração nas mentalidades da sociedade no que diz respeito aos efeitos nefastos do escravagismo nas Américas. Até que estas tarefas sejam levadas a cabo pelos seus países bem como pelos órgãos internacionais, os afrodescendentes continuarão a deparar-se com o declínio da sua qualidade de vida.

## As Indemnizações Como Solução

A lei internacional apoia as indemnizações como sendo um remédio *bona fide*. A indemnização pelo internamento dos japoneses americanos nos E.U.A. durante a Segunda Guerra Mundial, o pedido de desculpas e a indemnização do governador de Porto Rico devido à vigilância doméstica dos seus cidadãos no final dos anos 40, os vários programas de indemnizações por parte do governo alemão depois da Segunda Guerra Mundial, e as indemnizações pagas pela Nova Zelândia para compensar o roubo das terras maori pelos britânicos no final de 1800, todos apoiam o ideal das indemnizações como um remédio para o mal efectuado.

Os opositores das indemnizações – tanto negros como brancos – trivializam a sua importância e afirmam que estas “reforçam o sentimento de vitimização” apesar do facto das Nações Unidas e

outros órgãos contradizerem esta falsa noção. É interessante notar como a utilização do termo “vítima” pode ser distorcido num modo que implique indefesa, dependência e fraqueza. Na realidade o oposto será o mais correcto. Rosa Parks foi uma “vítima” de racismo, mas a sua coragem desencadeou o movimento dos direitos civis moderno. Os judeus foram “vítimas” do Holocausto, mas isso não evitou que levassem a cabo, com sucesso, processos a exigir indemnizações numa variedade de tribunais. Os cherokee, os choctaw e os lakota foram “vítimas” de genocídio e mesmo assim obtiveram sucesso em receber indemnizações pelo comportamento genocida dos Estados Unidos para com eles. Em nenhuma destas circunstâncias estiveram as “vítimas” indefesas e em todas elas há um vislumbre sobre a procura da justiça, há muito negada, para o seu povo. O mesmo ocorre para com a dívida por saldar aos povos roubados a África.

Recomenda-se que, como passo preliminar das indemnizações, cada um dos Estados em que residem integralmente afrodescendentes os isente do pagamento de impostos. Se os Estados acharem que não é possível levar a cabo uma isenção nos impostos, recomenda-se que o total dos impostos obtidos dos afrodescendentes seja investido novamente nas suas comunidades pelas actuais autoridades federais, estatais e locais até que os afrodescendentes possam reunir e gerir os dividendos dos seus próprios impostos.

Recomenda-se que as Nações Unidas crie um fórum permanente para os afrodescendentes, semelhante ao fórum criado para os povos indígenas. Uma vez que os afrodescendentes são um povo apátrida, não têm ninguém além da ONU a quem possam recorrer por protecção. Num fórum os líderes afrodescendentes podem reunir-se com o propósito de tomar decisões colectivas. Mais importante que isso, sob um fórum da ONU, os afrodescendentes terão a certeza de que estão a receber o auxílio de especialistas, o que é vital para a continuação do seu despertar e do seu desenvolvimento como uma família humana.

